# "Sou o dendê que faltava nesse Rio de Janeiro!" – Condição feminina e precariedade no espaço urbano

Flávia Vieira<sup>1</sup>

#### Resumo

Com o objetivo de lançar um olhar sobre trajetórias de mulheres que vivem às margens em situação de precariedade, analisamos a trajetória de Jaciara e sua mudança de um bairro de baixa renda da cidade de Salvador para o Rio de Janeiro com um inusitado projeto de "dar certo" na cidade das "oportunidades".

Percebemos, nesse caso, que uma nova imagem projetada da cidade do Rio de Janeiro serviu de incentivo para o deslocamento de Jaciara da Bahia para o Rio de Janeiro. Através de uma analise de seus arranjos e tentativas de levar a vida nessa nova cidade, buscamos mostrar os trânsitos possíveis e as redes construídas por Jaciara em diferentes situações ocorridas em sua vida: a inserção no mundo do trabalho (formal e informal) e a questão da moradia como focos principais desse olhar.

Palavras-chave: condição feminina, trajetórias, precariedade, moradia.

#### **Abstract**

In order to have a look at trajectories of women who live on the banks in precarious situation, we analyze the trajectory of Jaciara and its shift from a low-income neighborhood in the city of Salvador to Rio de Janeiro with an unusual project "succeed" in the city of "opportunities". We realize, in this case, a new projected image of the city of Rio de Janeiro served as an incentive for Jaciara shift from Bahia to Rio de Janeiro. Through an analysis of their arrangements and attempts to bring to life this new city, we seek to show the possible transits and the networks builtby Jaciara in different situations that occur in your life: the insertion into the labor market (formaland informal) and the question of housing as a major focus of this look.

**Keywords**: female condition, trajectories, precariousness, housing.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Doutoranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: fla\_via07@hotmail.com

Recebido em: Julho, 2015

Aceito em: Novembro, 2015

Para citar este artigo:		

------

VIEIRA, Flávia. "'Sou o dendê que faltava nesse Rio de Janeiro!' – Condição feminina e precariedade no espaço urbano".In: Revista Intratextos, 2015, vol 6, no1, p.45-61. DOI: http>//dx.doi.org/10.12957/intratextos.2015.17563

\_\_\_\_\_

#### Introdução – Caminhos possíveis e apresentação do campo de pesquisa

Essa comunicação faz parte de uma pesquisa que se preocupa, a partir de um olhar antropológico, em fazer uma analise das questões sobre a vida de mulheres pobres que vivem no meio urbano em situação de precariedade<sup>2</sup>.

O olhar sobre os arranjos da classe pobre para manter-se pulsante diante das dificuldades do cotidiano não se constituem em objeto novo para as ciências sociais. A preocupação especial em pesquisar as mulheres está no fato de, inegavelmente, a situação de vulnerabilidade da vida cotidiana imprimir sobre essas mulheres o agravamento das dificuldades vividas, o que as fazem construírem arranjos e redes nas práticas vividas. Um dos pontos centrais do campo se desenvolve em torno dos arranjos possíveis criados por essas mulheres para garantirem as questões relacionadas à moradia.

Desenvolvendo campo em um conjunto habitacional do projeto *Minha Casa, minha vida*<sup>3</sup> localizado em Belford Roxo (na Baixada Fluminense) fui apresentada a situação de campo que pretendo tratar nessa comunicação dando luz a algumas questões que englobam a discussão sobre mulheres que vivem em condições de precariedade e da trajetória de uma das moradoras desse conjunto.

A trajetória de Jaciara é muito interessante para pensar as questões que envolvem o viver dessas mulheres pobres nos meios urbanos na atualidade. Nascida na cidade de Salvador, na Bahia, no bairro do Curuzú, um dos mais pobres de Salvador, desde muito cedo foi introduzida no mundo do trabalho quando aos oito anos auxiliava a avó que trabalhava informalmente pelas ruas de Salvador.

Para uma análise sobre a cidade de Salvador e a condição de vida de seus moradores pobres no meio urbano é interessante levarmos em conta algumas contribuições que podem nos auxiliar a delimitar seus contextos. Como sugerido por Oliveira (1987, p. 19), a influência do regime escravocrata teria marcado as relações citadinas até a década de 1950, onde os efeitos da industrialização moderna trariam novas configurações na formação de classes

intocada. Carta Maior, maio de 2009. Disponível em http://cartamaior.com.br. Acesso em: mar. 2010.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> O termo precariedade utilizado leva em conta a analise de Castel (2001), que trabalha com o que chamou de aumento do desemprego estrutural levando ao crescimento do denominado, por ele, de "zonas de vulnerabilidade". O que podemos verificar é a consolidação da informalidade nas formas de trabalho, presente na analise de outros autores, como HIRATA (2011) e ROSENFELD (2010).

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup>O Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV), foi criado pelo governo federal em 2009 e tinha como objetivo inicial a construção de 1 milhão de habitações a fim de diminuir o déficit habitacional brasileiro, seu público alvo eram as famílias com renda de até 3 salários mínimos. O programa sofreu diversas críticas, principalmente em relação aos critérios adotados nas escolhas das famílias, assim como na qualidade estrutural dos imóveis oferecidos. Ver: MARICATO, Ermínia. O "Minha Casa" é um avanço, mas segregação urbana fica

urbanas em Salvador. É colocada em questão uma prática de ausência de compreensão da alteridade de classe assim como a definição de um lugar para as populações pobres e não operárias da cidade. O lugar de um trabalho marcado pela informalidade, pela pobreza marcante e por multidões de ambulantes que redefinem o meio urbano soteropolitano.

Jaciara era então representante típica dessa realidade. A avó tinha, como forma de "sustentar a família", exercer uma das atividades do mercado informal mais antiga do cenário urbano da cidade de Salvador. Exercendo a função de "baiana de tabuleiro" vendia acarajés e doces em uma esquina próxima a lagoa de Itapoã.

Desde a infância aprendeu para além de auxiliar na montagem da banca de acarajés, a cozinhar quitutes que eram negociados pela avó no ponto em que trabalhavam pelas ruas da cidade. A avó é uma figura presente nas narrativas de Jaciara. Residia em um barraco localizado em um dos becos da ladeira do Curuzú, ela, a avó, sua mãe e mais quatro irmãos. O pouco que conhecia sobre a história de seu pai era que havia abandonado a mãe grávida dos dois irmãos mais novos que eram gêmeos, mudando-se para o interior da Bahia com uma mulher integrante de um circo que havia passado por Salvador. Esta história sempre era recuperada por Jaciara em suas inusitadas explicações de desconfiança e desonestidade, que atribuía a pessoas ligadas a atividades circenses.

A mãe era empregada doméstica, o que não significava um laço formal de trabalho, não possuiu carteira assinada durante os trinta anos que trabalhou na mesma casa de família. Ela só conseguia ver os filhos em uma folga semanal já que dormia no local de trabalho, sendo a avó a responsável direta pela criação de Jaciara e seus irmãos.

Como a avó e Jaciara saiam para trabalhar nas ruas, os outros irmãos menores ficavam em casa sobre os cuidados de suas respectivas madrinhas que eram também vizinhas da família. As redes femininas criadas eram essenciais para garantir que as mulheres conseguissem, no lugar de chefes de família, exercer suas atividades profissionais. As redes criadas por essas mulheres, normalmente baseadas em relações de vizinhança e parentesco<sup>4</sup> (Agier, 2011, p.86), tornavam possível que as duas mulheres conseguissem trabalhar. Foi essa atividade que Jaciara exerceu até aos dezoito anos de idade, se tornando, segundo ela, cada vez mais difícil garantir o sustento através da venda de tabuleiro. Ela conta que a morte da avó transforma a já difícil situação da família. Os deixa ainda mais desprovidos de condições de se manterem, acarretando conflitos e um declínio da harmonia familiar.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup>Agier ao analisar o bairro da Liberdade, em Salvador, ressalta a importância da construção das redes femininas, da escolha por parte das mulheres das madrinhas e padrinhos de seus filhos entre parentes e vizinhos como estratégia importante na construção de suas relações. Para, além disso, destacar a presença de famílias cujas chefias são femininas e que possuem competências profissionais normalmente ligadas a origens domésticas.

A situação se agrava ainda mais quando, no mesmo ano do ocorrido, Jaciara engravida do namorado, um jovem chamado Jurandir, então com dezessete anos de idade e também morador das mediações do Curuzú. Na época o rapaz praticava pequenos furtos no Pelourinho, área de grande circulação de turistas em Salvador. Para agravar o quadro de desamparo e solidão que a mesma dizia viver durante esse período, Jurandir, assim como outros dois integrantes do grupo de rapazes que realizavam furtos em turistas nessa área da cidade foram assassinados por policiais que, segundo Jaciara, os teriam exterminado sob encomenda paga por comerciantes do local que financiavam esta prática com o intuito de "limpar a área".

Esses acordos entre policiais e comerciantes eram comuns, sabidos por todos que de alguma forma legal ou ilegalmente comercializavam nas ruas da cidade. Jaciara diz ter avisado Jurandir diversas vezes que evitasse "fazer ganho" pelo Pelourinho, mas o mesmo, de "gênio ruim", insistiu e acabou sendo pego por policiais. Os extermínios que eram realizados pela polícia soteropolitana no geral não sofriam investigações contundentes, nem mesmo uma insistência por parte das famílias dos assassinados que temiam por retaliações, segundo a narrativa de Jaciara. Ela e a mãe passam então a prover a família, agora aumentada de mais um membro, sua filha Jéssica.

Novos arranjos na organização do espaço urbano de Salvador não permitiram que Jaciara conseguisse manter o tabuleiro da avó no mesmo "ponto" de sempre, em Itapoã. Algumas taxas extras deveriam ser pagas à prefeitura para o trabalho como ambulante pelas ruas de Salvador (que, segundo a mesma, eram altas e cheias de exigências, principalmente para a venda de alimentos) ou "tentar negociar" o "ponto". Acabou tornando-se tensa a negociação com a polícia pela permanência nessa área, já que o valor proposto ilegalmente pelo "ponto" acabou alcançando um patamar e a mesma não teve condições de sustentar a "licença ilegal" ou propina em termos mais exatos.

As saídas possíveis para continuar sobrevivendo foram atividades das mais diversas: faxineira, catadora de latas, vendedora de cerveja e refrigerantes na orla de Salvador, costureira contratada para dar conta das entregas de abadás do Ilê Aiyê<sup>6</sup>, cozinheira em restaurantes etc.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Existe uma imprecisão cronológica sobre o assassinato de Jurandir e seus amigos. As narrativas de Jaciara são sempre muito tensionadas sobre esse episódio. Levando em conta outras informações como a idade da filha e a sua data de chegada ao Rio de Janeiro, acredito que tal fato tenha ocorrido por volta de 2002. Vale ressaltar certo temor ao mencionar o assunto ligado com certeza a sua constante afirmação sobre a impunidade da policia baiana.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> O Ilê Aiyê é considerado o primeiro bloco afro do Brasil e a sua sede fica no Curuzú, na Liberdade, bairro de maior população negra do país, com aproximadamente 600 mil habitantes. O Bloco foi fundado em 1º de

No ano de 2006 a situação de Jaciara em Salvador se torna insustentável. A mãe já não mais prestava serviço na casa da família que trabalhara a vida inteira e que nunca tivera com os patrões um vínculo formal. Deixou de exercer função remunerada lhe restando somente a aposentadoria por idade concedida pelo INSS. Optou por aceitar tal situação concluindo que não valeria a pena "começar uma briga" com os antigos patrões. A irmã de Jaciara a essa altura já havia se casado e era mãe de três filhos, também mãe solteira e responsável pelo sustento dos mesmos.

Um dos irmãos havia se envolvido com o crime local e cumpria pena em um presídio pelo envolvimento em um assalto seguido de morte. Como destaca Vera Telles sobre as periferias da cidade:

(...) é hoje, quase impossível encontrar uma família que não tenha contato e familiaridade, direta ou indireta (conhecidos, vizinhos e parentes) com a experiência do encarceramento. Isso levanta a pergunta sobre o modo como essa experiência afeta práticas cotidianas e os modos de organização da vida familiar: o 'jumbo', apoios, visitas, advogados, busca de recursos e solidariedades. E, junto com isso, a ativação de redes sociais que passam também elas, por essas fronteiras porosas do legal-ilegal, lícito-ilícito, para mobilizar recursos, suportes, bens, informações de que depende a vida dos parentes aprisionados (TELLES, 2010, p. 204)

Veio daí a decisão de Jaciara, então com trinta e quatro anos, de partir para o Rio de Janeiro em busca de uma oportunidade e de traçar uma nova estratégia de sobrevivência. De algum modo era ainda presente a ideia de que "aqui embaixo" ou "aqui no sul" as oportunidades de trabalho eram melhores. Jaciara tinha algumas narrativas de vizinhos, conhecidos e parentes distantes que haviam se aventurado nessa já consagrada migração histórica para o sudeste brasileiro e que, obviamente, aqui conseguiram empregos também subalternos: como domésticas, porteiros em edifícios, construção civil etc. De algum modo, essa pareceu ser a alternativa possível, e foi a decisão tomada por ela: partir para o Rio de Janeiro.

O contato que ela tinha na cidade era uma prima de sua vizinha, que se tornara vendedora de acarajés nas imediações da Praça XV (Região Central da cidade do Rio de Janeiro). Lorena, a vendedora de acarajés, tinha aproximadamente sessenta anos e já residia no Rio há vinte anos. Morava em Bangu (bairro da zona oeste carioca) e ajudava os irmãos

novembro de 1974, e faz parte de uma vertente ligada à ideia de reafricanização cultural muito presente no contexto contemporâneo de Salvador.

que viviam em Salvador enviando mensalmente alguma quantia em dinheiro. Acreditando ser possível se fixar também na cidade do Rio e conseguir "ter um ponto", Jaciara partiu em busca de seu novo destino.

Em sua nova escolha estava inclusa a difícil decisão de deixar sua filha sobre os cuidados da mãe, em Salvador. Em todas nossas conversas ficou claro que foi o que a jovem baiana mais sentiu dificuldade de abrir mão em sua partida. Convencida de que viver em Salvador não mais era garantia de manter sua família provida, partiu com o sonho de vender acarajés na "cidade que tem trabalho pra todos", como ela acreditava ser o destino escolhido.

## "Sou o dendê que faltava nesse Rio de Janeiro!" — Novos arranjos e redes e a velha luta de sempre

Além de seus sonhos, um velho tacho<sup>7</sup> que fora da avó e poucos pertences, Jaciara chegou de sua longa viagem de ônibus ao seu destino. Foi acolhida por Lorena que acabou lhe apresentando não só a cidade do Rio de Janeiro, mas um pouco da difícil realidade que enfrentava diariamente para garantir a vida. Acompanhou a anfitriã em sua jornada de trabalho durante alguns dias, auxiliando nas vendas do tabuleiro. Recebeu, segundo ela mesma contou, vários conselhos da mesma, o principal era que não deveria ser tão "arretada" como era com clientes que a elogiassem não só pelo quitute, mas por sua beleza. Jaciara conta que teve dificuldade, pois para ela os homens cariocas eram "folgados" e "não sabiam agradar mulher", segundo a mesma os baianos sabiam "se chegar" e de algum modo, talvez até por uma desconfiança compreensível de quem não está em um grupo social de convívio estabelecido os classificou de "descarados".

De todo modo, é interessante pensar que Lorena fez questão de frisar que estariam de alguma forma no lugar de um exótico, sensual, por serem baianas para os homens "daqui de baixo", e que deveriam tomar cuidado com isso. Lorena se casou com um cearense que também viera para o Rio tentar a vida. As experiências afetivas com cariocas tinham uma interpretação negativa para ela, que dizia muitas vezes, ter sido extorquida, enganada por muitos deles que não queriam "nada sério". Esse "alerta" parece ter surtido impacto para Jaciara que diversas vezes sempre colocou o lugar de seus envolvimentos afetivos como "passatempo", dizendo não ter vindo perder tempo no Rio de Janeiro, mas sim tentar trabalhar.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup>Tacho é o nome dado a um grande prato ou alguidar cerâmico ou metálico ou uma panela cujo diâmetro é maior do que a altura e comumente utilizado na fritura de acarajés.

As dificuldades de conseguir ter seu próprio tabuleiro no Rio foram logo se apresentando, o difícil jogo da permanência de ambulantes pelo centro da cidade, as negociações com a corrompida guarda municipal carioca, os custos mais elevados dos materiais que utilizava para fazer o produto, vários problemas fizeram com que outras opções de "bicos" tivessem que surgir para Jaciara.

As opções se tornaram as mesmas que Jaciara já conhecia: fazer faxinas, que inicialmente eram arrumadas pelas vizinhas de Lorena, e depois por uma rede criada pela própria através das oportunidades que surgiam. Assim vivendo das faxinas que arrumava, certa vez, Jaciara fazendo faxina na casa de um cliente o ouviu dizer que procurava uma baiana para uma feira cultural que aconteceria na UERJ. O rapaz que trabalhava com produção de eventos ao desligar o telefone escutou da faxineira que não precisava mais procurar: "eu sou o dendê que faltava no Rio de Janeiro", ela conta ter sido nítido que o mesmo duvidou de sua capacidade e ela então disse que faria naquele momento um acarajé para ele. E assim o fez, o que a levou a montar nessa feira de eventos seu primeiro tabuleiro no Rio. Curiosamente esse evento acabaria por iniciar uma série de novos contatos e redes na vida de Jaciara. Foi vendendo acarajé na UERJ que ela conheceu, dentre várias pessoas, uma senhora branca, de aproximadamente sessenta anos, professora universitária com quem conversou longamente durante todos os dias em que esteve trabalhando no evento. Disse que foi muito elogiada pela mesma por razão de sua competência na culinária baiana. O contato se estendeu e virou uma proposta de trabalho, Jaciara passou a fazer faxinas semanalmente na casa dessa senhora. Descobriu que a tal senhora era uma mãe de santo e disse com ironia não imaginar tal coisa, já que se tratava de uma "mulher branca" e "com posses". De fato, a mãe de santo em questão possuía um terreiro em Magé e residia em um confortável apartamento no bairro do Flamengo. Não demorou muito o convite para um jogo de búzios, o que, segundo Jaciara, inicialmente não a empolgou muito. Já havia tido experiências dessa natureza em Salvador, dizia ela saber ser de Iansã<sup>8</sup> e por isso "ser mulher de gênio difícil", mas não havia se sentido atraída por nenhuma proposta de se tornar filha de santo de nenhum dos espaços onde, por razões das mais variadas, já havia "feito um jogo". Depois de relutar por um tempo, aceitou a proposta e na companhia da mãe de santo foi até Magé para jogar. O jogo

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup>Segundo a mitologia ioruba e as lendas provenientes do candomblé, Iansã foi mulher de Ogum e depois de Xangô, seu verdadeiro amor. Xangô roubou-a de Ogum. O nome Iansã é um título que Oyà recebeu de Xangô. Esse título é uma referência ao entardecer. Iansã pode ser traduzido como "a mãe do céu rosado" ou "a mãe do entardecer"- Ver-CARYBÉ. *Mural dos orixás*. Salvador. Banco da Bahia Investimentos. 1979. p. 81.

obviamente atendia ao interesse claro da sacerdotisa que Jaciara tinha em seu destino a iniciação e claro sua casa pareceria ser o lugar certo para isso.

O interessante da situação em questão era que parecia casar com os interesses da sacerdotisa ter alguém que dominasse o executar da cozinha baiana, e, consequentemente, a cozinha religiosa do candomblé que carrega muitos pontos afins. Mas não só isso parecia surgir e se fez nítido, na narrativa de Jaciara e em minhas observações algumas vezes que a acompanhei ao seu terreiro, um fascínio dessa mãe de santo por algo que chamaria de *baianidade* e que a filha obviamente carregava em si mesma.

De certa forma, não só com a mãe, mas em relação aos outros do terreiro, Jaciara era chamada de "baiana" e exercia certo lugar de destaque. Com o passar do tempo era presente no discurso dos irmãos de santo que, mesmo podendo se iniciar na Bahia, ela teria escolhido a casa no Rio de Janeiro. Neste ínterim ficava claro que se remetia a uma ideia de que Salvador ainda era vista como um "berço" de alguma tradição que o candomblé insistia em defender, mesmo apesar das fragilidades já suscitadas dessa discussão<sup>9</sup>. A "baiana legítima" que "preferiu" ser feita no Rio.

O que nos interessa é pensar que essa "baianidade" acaba sendo acionada por Jaciara muitas vezes como símbolo de distinção e estratégia positiva na construção de seus novos laços e redes de sua nova vivencia. O transito entre alguns clientes e irmãos de santo de classe média criaram oportunidades de negociar das formas mais variadas: faxinas, saberes culinários, ajudas financeiras nos momentos mais difíceis, o aluguel de sua primeira casa no Rio, um conjugado em um bairro da zona oeste da cidade alugado de uma Tia de santo por um preço simbólico.

A Jaciara - baiana que circulava pelas ruas do Rio, deixava em suas relações a marca de uma mulher que se colocava na luta diária da vida urbana pobre como uma malabarista das adversidades cotidianas. Usava dessa marca de "guerreira", ligada agora a uma identidade religiosa assumida no Rio de Janeiro, e que possui uma relação mítica do seu orixá ao ligar o arquétipo da mulher forte, guerreira e de transpor problemas gravíssimos, qualidades também atribuídas a Iansã. Enaltecer as qualidades do orixá que rege a sua cabeça funciona como estratégia para trabalhar a sua autoestima, sendo uma maneira do indivíduo reforçar o seu compromisso com a afiliação mítica que lhe foi atribuída, como discutido por Segato (2005).

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup>Sobre a discussão da ideia de tradição no candomblé há uma análise interessante em LIMA, Fábio. Candomblé: na encruzilhada da tradição e da modernidade. Disponível em: www.ippuerj.net/olped/documentos/1273.pdf>. Acesso em: 1 fevereiro de 2012.

Cada filho de santo incrementa a sua autoestima, tendo como referência o seu orixá: vangloriar-se-á publicamente da personalidade e atributos do seu santo, do tipo de proteção e influência que este exerce sobre sua vida e mesmo qualquer doença ou mudança trágica do destino interpretadas como punição do seu orixá. (SEGATO, 2005, p. 52)

E foi dessa forma que Jaciara se virou na cidade maravilhosa, construindo uma identidade religiosa e uma *baianidade* que a inseriu em uma nova rede não só religiosa, mas relacionais das mais diversas e que a auxiliaram a criar como a mesma ressaltou "laços importantes nessa nova terra".

Mesmo que a construção de uma "família religiosa" ampliasse sua rede no Rio de Janeiro, isso não fazia com que Jaciara tivesse saído da posição de instabilidade que as atividades que exercia geravam para seu sustento e garantia de moradia. Os "bicos" podiam ter se tornado mais frequentes, assim como algumas oportunidades de "colocar tabuleiros" em alguns eventos, o que muitas vezes mal pagava o aluguel, mesmo simbólico da pequena casa que alugara na zona oeste, como também mal permitia "enviar algum" para sua mãe, em Salvador. Estes dois compromissos, ressaltava, fazia sempre questão de cumprir, mesmo que isso significasse passar por necessidades até alimentares. Era necessário que alguma "segurança", segundo a mesma, surgisse em sua vida. Aqui entendo que o termo "segurança" que ela emprega está relacionado a uma passagem do campo da informalidade dos "bicos", que realizava, para uma tentativa de um trabalho formal. Mesmo que essa "segurança" não fizesse parte da história vivida por Jaciara, cuja informalidade era constituinte da geração a qual pertencera, era uma busca talvez confusa por um "emprego estável", "a carteira assinada" por ter "direitos"- Algo que se distanciara da realidade urbana de sua vida e de muitos outros em iguais condições, que na verdade se relaciona com as transformações das configurações do mundo do trabalho nas últimas décadas:

Nesse mundo social redefinido, a experiência do trabalho (e do não-trabalho) entrelaça-se com a experiência da própria cidade. Porém, se é assim, então será importante escapar dessa clivagem que atravessa o debate contemporâneo entre, de um lado, a economia urbana, a "cidade global" e os winners dos circuitos globalizados do mercado e, de outro, a "exclusão social", os territórios da pobreza e o mundo dos perdedores. O que se trata de ver aqui são as relações entre cidade e trabalho. Relações que não podem mais ser vistas nos termos do debate dos anos 80,

mas que, por isso mesmo, precisam ser recolocadas se quisermos também escapar de uma visão empobrecida do mundo social reduzido às suas supostas binaridades. E é a própria experiência das novas gerações e seus circuitos, no nervo exposto das complicações atuais, que nos dá as pistas para tentar um giro no modo de descrever o mundo social. Pois são essas mesmas experiências que tornam no mínimo problemáticas as visões que hoje prevalecem de uma cidade fragmentada entre enclaves fortificados e globalizados, de um lado, e, de outro, o mundo da pobreza confinado nos bairros também pobres espalhados pelas periferias da cidade. As evidências imediatas sustentam ou podem sustentar essa visão das coisas, porém podemos nos perguntar se essa não é uma medida estreita demais, que se fixa em certos pontos de cristalização dos fluxos da riqueza e fluxos da pobreza, que, vistos de um outro parâmetro, transbordam por todos os lados essas definições socioespaciais. (Telles, 2010, p.115-116)

Jaciara apostava agora na busca pela formalidade do trabalho, já que depois de três anos era claro que não exercia no Rio de Janeiro nada diferente da vida informal e incerta que possuía em Salvador. Talvez o que a fazia permanecer no Rio era acreditar que os "bicos" que realizava em ambos os lugares se tornaram mais frequentes com sua mudança para "o sul", como costumava dizer. Interessante pensar que de alguma forma o mundo de um trabalho formal existia em seu imaginário como forma de obter alguma "segurança". Essa não era uma realidade vivida em sua trajetória e tampouco por seus pares, e possuía um ingênuo olhar idealizado de solução para suas questões.

Passou a absorver em seu discurso que a dificuldade com o acesso ao mundo do trabalho formal estava ligada somente ao fato de não ter concluído o ensino médio, sendo incentivada por alguns irmãos de santo (muitos deles universitários) a retornar aos bancos das salas de aula. O que conta é que tendo terminado o ensino fundamental em Salvador, buscou, através da ajuda de uma vizinha, chegar até um supletivo próximo a sua casa. <sup>10</sup> Muitas foram as dificuldades de prosseguir no curso, mas a proposta de terminar em apenas um ano o ensino médio movera Jaciara a continuar a frequentar o curso, mesmo confessando "pouco entender do que aprendeu" e "ter muita pouca aula, já que faltavam muito seus professores". Desse retorno ao ambiente escolar, frisou ter ficado um pouco frustrada, de algum modo eu percebia que a leitura que ela fazia daquela experiência era a certeza de não ser esse "um mundo para ela". Imagino que as dificuldades desse retorno e sua frágil formação anterior

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Pelas referencias e pelo material didático que me mostrou, tornou-se aluna de um pólo de EJA. (A Educação de Jovens e Adultos é destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria, oferecido pelo governo do estado no Rio de Janeiro)

serviram para tornar confusos os conteúdos apresentados no curso. Como muitos dos colegas de curso, ela também concluía que o positivo dessa experiência era "ter o diploma" o que de algum modo alimentava em Jaciara uma possibilidade de acessar empregos formais, o que em sua interpretação tinha sua baixa escolaridade como principal entrave.

É interessante notar que Jaciara, através de sua experiência, percebia que o projeto de reinserção na vida escolar dos adultos, proposto pelo estado, era uma estratégia ineficaz do ponto de vista educacional propriamente dito. Algumas vezes ela chegou a comentar que alguns professores comentavam com os alunos sobre a ineficiência do sistema. "Eu acho que isso é só pra eles dizerem que mais gente consegue terminar a escola, porque aprender mesmo que é bom, acho que não dá certo".

Jaciara foi então apresentada para um amigo de um de seus irmãos de santo, um assistente social que prometeu ajudá-la. Como sua referência maior era a experiência que tinha como excelente quituteira e cozinheira dentro de seu espaço religioso, o assistente social sugeriu que poderia indica-la para uma vaga de cozinheira em um abrigo de adolescentes da rede municipal da cidade. Ela conta ter recebido desse assistente social algumas "instruções" de como se comportar e do que devia ser dito durante uma entrevista de emprego que faria em uma ONG que seria o órgão responsável por sua contratação<sup>11</sup>: "dizer que não possuía dificuldades de cozinhar cardápios definidos pelas nutricionistas", "não demonstrar preconceito com a população de rua que atenderia", "se vestir de forma discreta para entrevista já que se tratava de alguém que trabalharia com adolescentes", "falar baixo durante a seleção". Ficou claro que a "ajuda" era uma forma de tentar normatizar e padronizar o comportamento de Jaciara. Os preconceitos estavam todos representados através das "dicas" da entrevista, até, é claro, transformar a espalhafatosa Jaciara em uma mulher que deveria "falar baixo" e vestir-se da forma adequada, que não era a sua. Uma vez apresentada às regras para "disciplinar" a postura de Jaciara a entrevista foi "um sucesso" e a introduzira na experiência de um emprego formal aos trinta e oito anos. Não era real uma mudança nas condições de Jaciara, contratada para receber um salário mínimo, de forma prática não havia aí melhoras significativas financeiras. Mas seu transito pelo mundo do trabalho formal, esse sim apresentava novos acessos e entradas por um encontro com o estado diferente da relação que mantera anteriormente.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Houve por parte de Jaciara uma incompreensão da razão de sua contratação ocorrer em uma ONG, já que interpretara estar prestando serviço à prefeitura. Muitas ONG's no Rio possuem convênios administrativos de espaços públicos (como abrigos, por exemplo) sendo responsáveis pela manutenção e contratação de terceirizados para prestação de serviço.

Toda a burocratização e formalismo se fez presente através da busca pelos papéis necessários para se tornar oficialmente alguém para se "empregar": Passar a possuir uma carteira de trabalho, um CPF e outros documentos típicos desses trânsitos eram também novidades na vida de Jaciara. Seus encontros com o balcão e agentes do estado, como nos contou, foram conturbados. A dificuldade que se apresentava em compreender tramites tão complexos e que, por natureza, mais dificultam do que esclarecem, de início a deixaram confusa e irritada. Também evidenciam que nossos atores diante das linguagens de desigualdade do Estado, fazem releituras próprias do "mundo dos papeis e da lei", como forma de buscarem algum lugar de compreensão de um mundo do qual são excluídos. São relações hierarquizadas e desiguais que ocorrem com a população pobre e fazem parte de um aparato especifico do Estado de manutenção dessas populações em condição de pobreza e controle.

Jaciara não disse ter vivido muitas dificuldades para se adaptar as "regras" do emprego. Sempre ressaltava o incomodo que sentia ao ver as condições em que viviam os adolescentes usuários do equipamento do estado em que trabalhava. Além da condição de pobreza extrema que viviam, e aí a rua pode ser um limite colocado até mesmo na relação dos pobres que hierarquicamente classificam essa condição como a última possível da sobrevivência humana, mas sim uma crítica que a mesma construiu de um descaso por parte dos agentes envolvidos nesse processo nos cuidados com os adolescentes.

Sua passagem pela Assistência Social, posso dizer, endurecera sua visão esperançosa sobre uma cidade que parecera ter sido lida apenas até então sob uma ótica de uma transformação positiva em sua vida, como um lugar de oportunidades. Ela dizia com frequência que faltava era "amor naquilo que fazem" por parte de seus parceiros de trabalho. E segundo ela, não era apenas uma questão de cozinhar no abrigo, mas adquirir ou tomar novamente para si o lugar de uma identidade "baiana-alto astral" e como a mesma cansava de acionar: ser "diferente" na relação com os adolescentes abrigados.

As redes de relações criadas no mundo do trabalho acabaram por facilitar todo o processo de inscrição e sorteio do apartamento que conseguiu financiar através do projeto *Minha casa, minha vida*. Os caminhos que tornaram possíveis segundo Jaciara "ter um lugar seu pra cair" foram, segundo a mesma, facilitados por seus novos circuitos. A burocracia e os papéis necessários para tornar possível o benefício de ser sorteada para o apartamento passou por indicações e ações facilitadoras do processo por parte de "seus conhecidos" da assistência social. Quando "eles" querem as coisas acontecem, me disse Jaciara.

Mesmo admitindo que morar na Baixada Fluminense tornara seu transito para o centro da cidade (local que trabalhava) algo mais cansativo e distante, pagar uma baixíssima prestação em algo "seu" era para Jaciara uma grande vantagem. De todos os acontecimentos ocorridos em sua trajetória, desde que havia chegado, este era algo que estimulava sua permanência no Rio de Janeiro. Também não demorou muito tempo para a aparente certeza de que a casa tão almejada, ou o processo que a levara até a mesma, acarretar uma série de outras questões para sua vida e novas dificuldades e desafios para enfrentar. Conseguir arcar com as prestações do apartamento acabou colocando novamente sua instabilidade financeira e imprevisibilidade cotidiana em evidência. Jaciara hoje continua "dando seu jeito" ou "se virando nos trinta" como costuma dizer.

#### Conclusão

A trajetória de Jaciara, que se iniciara com um sonho de vencer no Rio de Janeiro vendendo acarajés para os cariocas, tomou rumos dos mais inusitados ao longo dos sete anos passados na cidade maravilhosa.

Analisamos o papel das mulheres no difícil jogo de dar conta de suas vidas fazendo as mesmas partes de uma população em estado de exceção<sup>12</sup>. A perspectiva aqui empregada é a antropologicamente proposta por Das (2004) onde as mulheres pesquisadas constroem nas margens possibilidades de atuação frente às práticas de um estado que administra e estabelece um governo da população pobre.

Jaciara após alcançar o status de ter "um lugar pra cair", uma residência, espera por um momento de maior estabilidade quando sonha trazer a filha de Salvador para morar com ela, e dar conta de sua filha sem precisar da ajuda da mãe assim como construir para as duas uma vida em comum na mesma cidade. Por enquanto, mesmo a distância, é dela a tarefa de ser a "responsável" pela família desprovida na Bahia.

É o papel doméstico e mediador das mulheres, na organização familiar, que explica um papel urbano marcado pela busca de soluções de sobrevivência econômica e pela ativação de redes abertas: "é preciso se dar bem com todo mundo"(...) É possível então interrogar-se, partindo da família e da casa, se as mulheres não encarnarão,

Utilizamos o conceito discutido por Agamben de estado de exceção para pensar o lugar das mulheres investigadas. O autor assim define: "o totalitarismo moderno pode ser definido, nesse sentido, como a instauração, por meio do estado de exceção, de uma guerra civil legal que permite a eliminação física não só dos adversários políticos, mas também de categorias inteiras de cidadãos que, por qualquer razão, pareçam não integráveis ao sistema político" In: AGAMBEN, Giorgio. Estado de Exceção. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 1.

mais que os homens, os comportamentos mediadores, individualizados e abertos sobre os outros, que caracterizam o modo de vida urbano (Agier, 2011, p.87)

"Se virar nessa vida", como costuma dizer Jaciara, compreende lançar mão das mais diversas estratégias diante da realidade vivida no complexo meio urbano contemporâneo das populações pobres. É o malabarismo feito diante das incertezas e das adversidades que se apresentam diariamente em suas vidas. Travar os difíceis diálogos ao se cruzarem com as instituições de forma direta e, além de driblar, construir redes facilitadoras de relações muitas vezes complexas.

Sua trajetória tanto em Salvador como no Rio de Janeiro nos remetem a pensar que os centros urbanos produzem "um lugar" para as populações pobres. Como bem demarcado por Rolnik (2007, p.88), ao discutir territórios urbanos com predomínio de negros como foco de discriminação, quando a autora afirma que "a história da comunidade negra é marcada pela estigmatização de seus territórios na cidade".

Nos encontros dos mais variados com o estado: a extorsão da polícia baiana, a ilegalidade da relação de trabalho de trinta anos de sua mãe, a prisão do irmão, o violento extermínio do namorado, o controle através dos papéis e muitas outras passagens aqui apresentadas mostram um estado que produz uma série de ilegalismos. A vida dos pobres nos grandes centros urbanos está longe de um olhar que os reduza a uma condição de exclusão absoluta. Faz parte de um tipo de governabilidade a forma que as relações se produzem para esses corpos, sendo, portanto, uma estratégia tamanha vulnerabilidade. Este, também, foi um esforço aqui apresentado, a capacidade dessa população de reagir e reinventar seu cotidiano através de suas redes e tentativas de circulação pelo espaço da cidade.

São as práticas desse cotidiano citadino que podemos analisar e que nos mostram um poder não exercido somente sobre territórios, mas também sobre esses atores, aqui nesse caso com dispositivos claros de vulnerabilidade que são acionados: o moral, de gênero e étnico.

### Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua I**, trd. Henrique Burigo, 2 ed., Belo Horizonte: Editora UFMG(Homo Sacer – Il PotereSovrano e lanudavita). 2002.

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos.** São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011.

BIRMAN, Patrícia ; VIEIRA, Flavia Regina da Cruz . Circuitos e Acessos: como chegar ao 'centro' vindo das 'margens'. In: Congresso ALA, 2012, Santiago. "La politica en movimento: perspectivas etnográficas sobre formas de accioncolectiva y procesos de transformation estatal, 2012.

BOURDIEU, Pierre. . "A força do direito: elementos para uma sociologia do campo jurídico". In: O Poder Simbólico. Lisboa: Difelpp 209-254.1989.

CARDOSO de Oliveira, Luís Roberto. "A dimensão simbólica dos direitos e a análise dos conflitos". In: Revista de Antropologia - USP, v. 53, n 2, p.p. 451-473. 2010

CARYBÉ. Mural dos orixás. Salvador. Banco da Bahia Investimentos. 1979.

DAS, Veena e Poole, Deborah. Anthropology in themargins of the State. Santa Fé/Oxford, School of American Research Press, 2004.

DUARTE, L. F. D; GOMES, E. C - Três Famílias: Identidades e Trajetórias Transgeracionais nas Classes Populares. 2008.

DUARTE, L. F. D; GOMES, E. C.; JABOR, J; LUNA, N. "Família, reprodução e ethos religioso – subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes", in Família e religião, Rio de Janeiro, Contra Capa. 2007.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: Foucault, M. Estratégia, Poder-Saber. Ditos e Escritos, vol. IV.2010.

HIRATA, Helena. **Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França, Japão.** In: DRUCK, Graça & FRANCO, Tânia (Org.). Trabalho, precarização e resistências. Caderno CRH, Salvador, nº spe 01, v. 24, p.13-20, 2011.

ROLNIK, Raquel. **Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro.** In: Santos, Renato Emerson (org.) Diversidade, espaço e relações sociais: o negro na Geografia do Brasil. Belo Horizonte: Autêntica 2007

ROSENFIELD, Cinara (Org.). **Trabalho, emprego e precarização social (Dossiê temático). Sociologias,** Porto Alegre, nº 25, 2010.

SANTOS, A. T. Famílias chefiadas por mulheres: permanências e rupturas com as tradicionais concepções de gênero. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder, Florianópolis, Santa Catarina, de 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em: <a href="http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST34/Aline\_Tosta\_dos\_Santos\_34.pdf">http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST34/Aline\_Tosta\_dos\_Santos\_34.pdf</a>>. Acesso em 25 mar. 2013

SEGATO, Rita Laura. Santos e Daimones: o politeísmo afro-brasileiro e a tradição arquetipal". 2.ed.Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

VIEIRA, Flávia,R.C. Conflitos e reações do candomblé carioca aos ataques das Igrejas neopentecostais – Dissertação de Mestrado defendida em Agosto de 2011.PPCIS.UERJ.